



## A HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM *DESCULPE A NOSSA FALHA*

Aroldo José Abreu PINTO

Doutorando em Letras, área de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Assis/SP –  
Brasil



### RESUMO

Visando ao estudo de autores e obras de literatura infanto-juvenil contemporâneos, o presente trabalho tem por objetivo observar na obra *Desculpe a nossa falha* (São Paulo: Scipione, 1987), de Ricardo Medeiros Ramos (1929-1992), como o texto se constrói sobre um jogo de elementos expressivos selecionados de maneira a humanizar o espaço que cerca as personagens, evitando-se uma visão maniqueísta da realidade e corroborando a esteticidade da obra, além de abrir caminhos para a reflexão sobre algumas questões próprias de nosso ultrapassado sistema de ensino.

PALAVRAS-CHAVES: literatura infanto-juvenil; Ricardo Ramos; espaço; esteticidade.

### ABSTRACT

This paper, aiming at the study of writers and works of Brazilian contemporary juvenile literature, was carried out to analyze how Ricardo Medeiros Ramos (1929-1992) in his book *Desculpe a nossa falha* (São Paulo: Scipione, 1987) works out his text based on an interplay of expressive elements selected so as to become human the setting into which the characters are inserted, getting rid of a manicheistic view of reality, confirming the esthetic quality of his work, and opening the way for reflection on some issues which are characteristic of our outmoded teaching system.

KEYWORDS: Juvenile literature; Ricardo Ramos; setting; esthetic quality.

### INTRODUÇÃO

Como já se vem evidenciando há algum tempo, a literatura infantil-juvenil brasileira padece, desde os anos 50 e, com maior intensidade ainda a partir dos anos 70 - quando acontece o verdadeiro *boom* dos textos voltados às crianças e jovens -, de uma crítica especializada que acompanhe o gradativo processo de superespecialização do gênero.

Acrescente-se a isso o fato de que a maior parte dos estudos empreendidos até o momento tem que lidar com uma gama de elementos tão variada que se se privilegiam, por exemplo, elementos históricos e teóricos de constituição do texto, acaba-se perdendo ou diminuindo a observação do texto de ficção como “elemento autônomo”, como destaca Antonio Candido (1993).

Desse modo, optamos por tomar como base deste estudo, dentre a produção ficcional “para jovens” de Ricardo Ramos (1929-92) a obra *Desculpe a nossa falha* (1987). Além desta, Ramos publicou ainda, para o público jovem, as novelas *Pelo amor de Adriana* (1989) e *O rapto de Sabino* (1992) e as coletâneas de contos *Estação primeira* (1996) e *Entre a seca e a garoa* (1997-8).

Procurando dar conta do que propomos, utilizaremos como material básico de discussão parte da análise empreendida em nossa dissertação de Mestrado, defendida em 1996, na Unesp de Assis e, posteriormente, publicada em livro com o título de *Literatura descalça: a narrativa para jovens de Ricardo Ramos* (São Paulo: Arte & Ciência/Núcleo Editorial Proleitura, 1999).

Uma vez que partimos do pressuposto de que um dos elementos que estruturam a obra *Desculpe a*

*nossa falha* é a capacidade de observação do narrador e o estabelecimento do espaço no texto e que essa opção como que “humaniza” principalmente o espaço da escola, gerando uma crítica ao ultrapassado sistema de ensino brasileiro, procuraremos produzir um discurso *sobre* determinado discurso ficcional no sentido de refletir sobre esta questão. O resultado desse esforço se organiza da seguinte maneira: na primeira parte procuraremos levantar algumas das características que particularizam a produção ficcional voltada para o público infanto-juvenil e que são básicas para qualquer discussão sobre este novo gênero. Na segunda parte, procuraremos dar conta do proposto na introdução, observando a constituição do espaço como elemento significativo para a constituição do caráter estético do texto de Ramos. Na terceira parte, o intuito será dar corpo final às reflexões apresentadas na parte anterior, para, finalmente, nas considerações finais, amarrar os objetivos visados neste texto.

## II

Primeiramente, faz-se necessário destacar que muitos dos escritores de prosa de ficção para jovens procuram, no trabalho de elaboração de seus textos, inovar, apresentando “realidades transfiguradas”; outros apelam para artifícios utilizados à exaustão pelos meios de comunicação de massa, como a linearidade narrativa, a dicotomia bem x mal (sempre com o predomínio do bem), a redundância na abordagem de temas polêmicos e a inserção de elementos da narrativa, como o espaço, apenas como um relato repetitivo e abusivo na montagem de todo o texto, causando uma situação nula à curiosidade de um virtual leitor no desenrolar da história.

Em relação à obra *Desculpe a nossa falha* de Ricardo Ramos, nosso propósito é relacionar, interpretando, as questões suscitadas pela análise do espaço como aspecto constitutivo da configuração textual, ou seja, observar como o espaço e os demais elementos que organizam os diferentes aspectos constitutivos do texto corroboram a esteticidade da obra, uma vez que vamos descobrindo gradativamente a sua organicidade e funcionalidade.

Para tanto, parto de um pressuposto teórico-metodológico que toma o texto como ponto de partida e ponto de chegada do trabalho crítico, ou, como propõe o crítico Antonio Candido, procuro partir do resultado e não do estímulo ou do condicionamento, já que o texto é a matéria do crítico e deve ser tomado como

*uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz... Esta autonomia depende, antes de tudo, da eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição das palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos, cuja síntese constitui sua fisionomia, deixando longe os pontos de partida não-literários. (Candido, 1969, p.34)*

Em outras palavras, a ambição é “mostrar” como o espaço alcança, no texto de Ricardo Ramos, um estatuto tão importante quanto os demais elementos da narrativa, o que faz com que este espaço ficcional seja visto como uma personagem durante a novela.

Não podemos nos esquecer que Ricardo Ramos constrói seu texto levando em conta a especificidade de seu público previsto e procurando gerar “um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária” (Candido, 1993, p.10). Cabe ao leitor ir percebendo onde se passa a ação narrativa e descobrindo os ingredientes deste espaço, o que resulta, como já frisamos, num ponto de harmonização entre o discurso da narrativa e as possíveis expectativas de um virtual leitor.

### 1. Especificidades do gênero Literatura infanto-juvenil

A literatura infanto-juvenil brasileira destaca-se, nas últimas décadas, pela busca de “identidade literária” e não pedagógica, uma vez que nas origens do gênero ela sempre esteve vinculada à escola.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao fato de que, na literatura infantil e juvenil, mais acentuadamente do que na literatura “para adultos”, o escritor deve levar em consideração a especificidade do seu público leitor previsto e suas indissociáveis relações com a situação escolar. Sendo geralmente um adulto, esse escritor se esforça por encontrar formas adequadas de mediação entre suas visões de mundo e as dos leitores, de tal modo que a seleção e a combinação de temas, personagens, ambientes etc. são determinadas, de início, pelo fato de o público ser formado por crianças e jovens que utilizarão os textos para

leitura na e para a escola.

É necessário destacar que, para efeito deste estudo, o texto de Ricardo Ramos denominado por mim de “literatura juvenil” – porque destinado a um público jovem – remete a uma superespecialização do gênero relativamente recente. Impulsionada pelo aumento da oferta, da produção e da utilização da literatura na escola e pelo desenvolvimento dos estudos em psicologia do aprendizado, a literatura voltada a crianças e jovens cada vez mais se define explicitamente em função do público leitor. Muitos autores escrevem textos de ficção em prosa ou poesia *para crianças* e outros escrevem especificamente literatura *para jovens*. Em outras palavras, é como se a literatura voltada a crianças e jovens no Brasil tivesse passado a receber rótulos diferenciados – “literatura infantil”, “literatura infanto-juvenil” ou “literatura juvenil” – de acordo tanto com a etapa de desenvolvimento cognitivo dos leitores previstos quanto com a circulação e utilização escolar desses textos.

Por outro lado, vem-se mostrando infundável a discussão que procura delimitar o que é escrito para crianças, para jovens ou para adultos, sobretudo porque o fato de as personagens, espaço, temas etc. serem próximos do mundo infantil, juvenil ou adulto, por si só, não garante o estabelecimento de critérios seguros de delimitação. No caso da narrativa de Ricardo Ramos aqui analisada, o aspecto determinante para classificá-la como “literatura juvenil” foi, sobretudo, o endereçamento explicitado nas indicações da editora e nos prefácios do autor.

## 2. A humanização do espaço em *Desculpe a nossa falha*

Escrito na década de 80 e passando da décima terceira impressão com quase 200 mil exemplares, *Desculpe a nossa falha* (1987) caracteriza-se como um texto de leitura fluente, rápida e agradável.

Dentre os aspectos que podem ser observados para a configuração textual desta novela, destaca-se a constituição do espaço como um dos elementos essenciais que corroboram a esteticidade do texto de Ricardo Ramos. Ao procurar a adesão do leitor, o discurso narrativo vai-se estabelecendo e apresentando para este leitor, diluidamente, um espaço que se harmoniza com os demais elementos da narrativa. Não há uma obsessão ao detalhe, mas sim a construção de um mundo que, aos poucos, vai ganhando vida, força, funcionalidade e organicidade por meio do discurso narrativo.

*Desculpe a nossa falha* toma como matéria ficcional uma situação aparentemente banal ocorrida em uma escola particular de São Paulo: o roubo de provas. Três alunos oferecem a um bedel uma malha importada e certa quantia em dinheiro em troca de várias provas. Inicialmente, o plano dos três parece dar certo. Porém, os professores e a direção da escola desconfiam das altas notas e realizam uma avaliação imprevista. Os três se safam por meio de uma artimanha criada. O bedel se arrepende do negócio e, devido às pressões, confessa ter vendido as provas, sendo, então, demitido. Os três alunos e alguns outros são interrogados e, ao final do inquérito, os envolvidos são expulsos. Os professores da escola questionam, entre si, as atitudes da direção e as formas de ensino, mas não impedem a saída dos alunos. Sete anos depois, os alunos expulsos se encontram em uma festa e relembram o fato. Percebem que o roubo das provas é uma triste lembrança de seu passado.

Esta história aparentemente banal é, como a maioria dos textos voltados para jovens entre os 12 e 16 anos, completada com algumas ilustrações. Estas lembram vagamente elementos de uma escola; na capa, um jovem aluno sem rosto escreve em um quadro-negro; na parte central, encontramos objetos comuns em sala de aula, como lápis e papel almaço deformados, evocações indiretas de passagens do texto, profusão de imagens superpostas, mas sempre fugindo de uma reprodução fotográfica das cenas. Há uma certa preocupação em apagar os detalhes que compõem a ilustração, o que acaba exigindo boa carga de imaginação para serem interpretadas e oferecendo muitos caminhos para o devaneio, a fantasia e a generalização de um virtual leitor.

No prefácio, Ricardo Ramos dirige-se a um leitor que, inicialmente, pode ser tanto um jovem quanto um pai ou professor para justificar o tom que será constante no texto, pois parece estar implícita por trás dessas explicações uma certa concepção de literatura infantil e juvenil que se vem cristalizando a partir dos anos 1970: um livro não precisa necessariamente ter uma feição didático-pedagógica por ser voltado aos jovens. Com expressões do tipo “muito menos didático” e “ninguém encomenda sermão a nenhum autor” contidas no prefácio, Ricardo Ramos parece dialogar com determinada vertente da crítica e antever uma discussão que ficará mais clara no momento de observação da constituição do espaço no texto. Além disso, Ricardo Ramos insiste em destacar que se deve ler um livro por prazer, mas alertando que se pode ainda aprender e, desse modo, critica aqueles professores que usam o livro paradidático como pretexto para outras atividades dentro e fora da sala de aula.

Como veremos adiante, observações como esta feitas no prefácio reforçam a idéia do poder de

representação contido em *Desculpe a nossa falha* de que nos textos de ficção não se deve proteger o leitor de determinadas “verdades”.

Quanto ao espaço propriamente dito, toda a história ambienta-se basicamente na escola onde estudam os protagonistas e as demais personagens. A escolha de um ambiente ocupado por jovens coloca, já de início, o leitor – também supostamente jovem – em contato com um mundo de ficção que ele pode identificar, de imediato, como verossímil, pois os elementos representados pelo narrador encontram referências diretas no cotidiano de seus hipotéticos leitores. Destaque-se, porém, que não se trata de reducionismo ao realismo geográfico como ocorre em textos de vários escritores no final do século passado que estavam sempre à procura de uma precisão cada vez maior, buscando sempre o pormenor descritivo e a observação exata na recriação de passagens ficcionais.<sup>1</sup>

Apesar de o espaço representado ser declaradamente o de uma escola particular, o narrador cuida para que este se assemelhe também ao de uma escola pública com o intuito de, permitindo generalizações, atingir mais facilmente um número maior de leitores. Desse modo, a escolha da escola particular para a ambientação da trama parece ter a função de justificar, entre outros, o fato de os jovens possuírem o dinheiro para a compra das provas e, assim, não se romper a verossimilhança.

A escola onde as personagens passam a maior parte do tempo e onde o problema com o roubo das provas se desenvolve é descrita como um dos prédios mais tradicionais da cidade. A sua caracterização ocupa quase todo o capítulo 14, “Ecologia às avessas”.

*A escola é uma ilha. Cercada por muros e gradis, tem lá dentro um casarão antigo e construções novas, muitas árvores, pátios e alamedas, espaços lançados em níveis diversos e largos. Encravada na rua de classe média inferior, lembra alguma coisa de reserva. Com todas as implicações do nome, desde o confinamento até a excrescência. Em outras palavras: segue sendo ilha.* (Ramos, 1987, p.46)

Contribuindo para confirmar a preocupação de lidar com a coexistência dos contrários, o que, por sua vez, é também um fator de generalização relativamente a escolas públicas, a escola particular é descrita em seus aspectos positivos e negativos, nela convivendo diferenças sociais.

Embora o narrador possa estar apenas querendo dar um ar sério à instituição para, de certa forma, justificar as atitudes de seus diretores em relação aos alunos e não tomar o texto inverossímil, não são poupados detalhes desabonadores a respeito das proximidades da escola, enfatizando-se até mesmo se tratar de um estabelecimento “encravado na rua de classe média inferior” e próximo ao local mais poluído da cidade de São Paulo. A descrição dos locais próximos à escola, para um leitor mais atento, pode sugerir metaforicamente que, apesar de escola para alunos de classe média alta, algo nela “cheira mal”. Ou ainda, que nela se encontram condensados os contrários coexistentes na própria cidade de São Paulo: opulência e decadência.

*... Mas estava pessimamente localizada, suas vias de acesso marginais de um rio poluído, esgoto a céu aberto. Como se não bastasse, uma fábrica de plásticos nas proximidades. Com um cheiro acre, de química, sobre o prévio dos dejetos da lixeira líquida correndo perto. Bonita, sem dúvida. E no entanto fedida. ... Mau cheiro mesmo, fedor, fedentina, uma caca. Que o rio traz, emanando gosmento. Que a fábrica de plásticos agravava, emprestando ao ambiente uma qualidade impessoal, queimada, metálica, de violenta crueza indefinida. Cheiro lacrimoso e pestilento.* (Ramos, 1987, p.48)

Conseguindo captar nuances de características que remetem às contradições da realidade, o narrador descreve o espaço ficcional de maneira forte e viva, mesclando os aspectos positivos e, sobretudo, os negativos com palavras ou expressões pejorativas como: “pessimamente localizada”, “rio poluído”, “esgoto a céu aberto”, “cheiro acre”, “dejetos”, “lixreira líquida”, “fedida”, “mau cheiro”, “fedor”, “fedentina”, “caca”, “qualidade impessoal”, “queimada”, “metálica, de violenta crueza”, “cheiro lacrimoso” e “pestilento”.

A dicotomia bem x mal neste sentido é rompida, uma vez que os contrários se entrelaçam formando um só elemento. Observe-se que Ricardo Ramos soube dissimular em seu discurso narrativo um ambiente que ao mesmo tempo possui funcionalidade e harmonia dentro da organicidade pretendida pela narrativa.

O capítulo 14, “Ecologia às avessas”, pode ser considerado um divisor de águas no texto. Até o capítulo 13, “Preto e branco” (p.43-6), o narrador incumbe-se de informar o leitor sobre os problemas que envolvem os protagonistas, de forma que se vá estabelecendo um clima de ansiedade pela resolução dos fatos. Ao final do capítulo 13, inicia-se o clímax da trama com a convocação dos alunos para uma conversa com a direção da escola. A partir de então, no capítulo 14, há uma verdadeira pausa na trama para a descrição da escola. Essa descrição é colocada estrategicamente no ponto de maior tensão do texto. O

narrador também não poupa detalhes desabonadores a respeito da instituição de ensino, contrastando sempre seus defeitos (mais destacados) com as suas qualidades. Dentro dos muros e gradis que a cercam, há “um casarão antigo”, mas também “construções novas”; há “muitas árvores, pátios e alamedas, espaços lançados em níveis diversos e largos”, mas por ela estar “encravada numa rua de classe média inferior”, “lembra alguma coisa de reserva”, de “ilha”. As edificações e áreas dependentes são “quase o ideal” porque a escola está “pessimamente localizada”. Segundo o próprio narrador, a escola é “bonita, sem dúvida. E no entanto fedida” (Ramos, 1987, p.48).

*Quando mudou de endereço – pois principiou casa modesta, outra pegada, foi-se ampliando em puxadas e anexos –, ela anunciou um grande avanço. Naquilo de bairro nobre, residencial e sossegado, ar puro, trânsito livre, as chamadas instalações definitivas de um superior projeto educacional. Só que planejamento não é nosso forte, nem se imagina que será, ou confundimos, sempre, o nosso desejo com a realidade.* (Ramos, 1987, p.46)

*Só que o cheiro, o mau cheiro, estava de matar. Pesando emeraldado, e com o acréscimo do plástico de marca estrangeira. Mistura para ninguém botar defeito. Ou não somos um povo bilingüe? Basta olhar os cartazes de rua, quem sabe ler pode ver português e inglês. Vamos apertar o nariz e marchar para o sacrifício.* (Ramos, 1987, p.49)

Note-se que não ocorre à toa a incorporação da descrição do espaço da escola. Vista como uma ilha, ela sugere algo de ultrapassado de seus diretores, capazes de ignorar fatos ou simplesmente não ter sensibilidade suficiente para enfrentar determinadas situações. O narrador procura preparar o leitor, por meio da descrição do ambiente, para toda a “sujeira” que envolverá o inquérito do roubo de provas.

Em síntese, o narrador poderia ter descrito a escola em um dos primeiros capítulos, porém, nesse livro, ao espaço é conferida uma função que demanda que o narrador o descreva em um momento crucial do desenvolvimento da trama, sem quebrar o ritmo da história e de modo a contribuir para que os fatos subseqüentes tomem mais corpo e representem mais enfaticamente uma realidade ficcional construída ao redor das personagens envolvidas no roubo de provas.

Se, por um lado, os arredores da escola são descritos com esse tom mais negativo, outros ambientes por onde os jovens transitam são descritos com certa naturalidade, apenas como pano de fundo para o ir e vir das personagens. No capítulo 20, “Compras de Natal” (p.67-9), por exemplo, um programa característico dos jovens é lembrado pelo narrador: o passeio ao *shopping*.

*Chegou cedo ao shopping center, logo depois de as lojas abrirem. Levada pela mãe que nem estacionou o carro, se despediu com duas ou três recomendações, ah, sim, não esqueça da vida e atrase para o almoço. Ela entrou no clima festivo, visual, sonoro, caminhando ao compasso dos velhos sinos rumo ao centro de compras.* (Ramos, 1987, p.67)

A atitude consumista num grande centro urbano é descrita ainda em outros momentos como algo corriqueiro. Cristina, uma das personagens envolvidas no inquérito sobre o roubo de provas, faz compras em vários locais. Compra brincos, cinto e um porta-retratos; passa numa livraria e adquire um livro; escolhe o filme “francês de boa crítica” (Ramos, 1987, p.69) para a semana e, entre uma coisa e outra, pára para tomar refrigerante.

Essas mesmas personagens jovens que passeiam nos *shoppings* para se divertir e transitam pela cidade fazendo compras também sofrem com a violência dos grandes centros urbanos. É o que acontece com Cristina quando decide fazer suas compras de Natal no *shopping* um mês após ter sofrido um assalto em sua casa. Cristina mostra-se totalmente insegura e amedrontada com o fato e demora para se refazer do susto.

*... Tinha de vencer aquilo. Sabia que demorava, o assalto fora há pouco mais de um mês, o pior já passara. Já não ficava de idéia fixa, a lembrar sempre, na permanente sensação de um perigo perto, escondido, que de repente cairia sobre ela.* (Ramos, 1987, p.68)

Novamente, essa narrativa parece querer apresentar ao jovem adolescente um mundo pretensamente sem máscaras.

A própria casa da personagem Cristina poderia ser facilmente identificada como uma casa comum de classe média alta dos dias de hoje, em uma metrópole como São Paulo. Sua descrição vai-se estabelecendo

de forma que o leitor delimite e vá compreendendo o mundo da personagem. O espaço é revelador de vários aspectos: a casa, em primeiro lugar, é apresentada como bastante grande e cheia de livros e quadros; possui também um bar de alvenaria, almofadões, pôsteres americanos e porta envidraçada, o que denuncia a preparação intelectual e as condições de vida de uma das protagonistas, contribuindo para que a personagem não tenha outras justificativas para a reprovação na escola.

*A casa era grande, cheia de livros e quadros. Entrou e foi direto para o salãozinho lá atrás, com bar, banco de alvenaria tomando a parede maior, almofadões, posters americanos plastificados, a série ecológica de serigrafias mostrando São Paulo de verde e nublado e a chumbo. Pela porta envidraçada se via uma sala de estar, mais ou menos próxima, onde as pessoas da família assistiam televisão.* (Ramos, 1987, p.61)

Ainda com a intenção de apresentar com um tom natural os espaços onde as personagens circulam, o narrador introduz uma série de detalhes nas descrições. A opção por esse tom corriqueiro na apresentação de aspectos comuns do dia-a-dia de um jovem estudante parece ser mais uma maneira de não causar qualquer estranheza ao leitor.

*Antes de chegar ao portão da escola, Sérgio falou com o sorveteiro, o guarda de trânsito e o vigilante parado na calçada. Alegre, expansivo. Abraçou uma servente que voltara de breve doença. Pulou por cima da poça d'água, chutou qualquer coisa invisível. Então encontrou o amigo, passou o braço pelo ombro dele, entraram juntos conversando.* (Ramos, 1987, p.5)

As reações das personagens perante os fatos desenvolvidos no espaço da escola também são importantes de serem observados para que tenhamos uma visão mais abrangente do processo de constituição do espaço em seu todo.

As personagens que caminham pelo pátio da escola com “os livros e cadernos de encontro ao peito” (Ramos, 1987, p.30) e que gastam horas freqüentando locais como festas, cinemas, auditórios de música, bares etc., são apresentadas como “transparentes” e “lúcidas”. “Transparentes” porque o narrador busca caracterizar seus sentimentos e conflitos interiores sem que se esconda seu lado bom e seu lado mau; “lúcidas” porque, estando todas envolvidas no conflito central da trama, têm plena consciência de que não agiram de forma correta, mas também acreditam que as atitudes tomadas pela direção da escola não foram as melhores ou as mais corretas. Essas personagens buscam representar a complexidade das pessoas comuns, segundo os modos de ser característicos da ficção.

Se lembrarmos o já dito há pouco, podemos perceber que o mais forte elemento de caracterização do espaço, a convivência de contrários, aparece com toda força também em relação às personagens. É como se estes fossem um prolongamento do espaço ou vice-versa. Não se trata, é claro, de considerá-los puros objetos submetidos ao meio ou uma falsa convicção de que o ambiente é constituído apenas para modelar as personagens, mas de se perceber o quanto a ambientação, como queremos mostrar, parece viva, enfim, humanizada e humanizadora.

É possível observar que os protagonistas são apresentados pelo narrador em suas particularidades, com destaque para aspectos que interessam à reflexão que venho desenvolvendo. O narrador consegue traduzir uma experiência vivida de diferentes maneiras, mostrando erros, acertos e enganos de cada um dos envolvidos, diluindo a visão maniqueísta.

Essa novela de Ramos torna-se coerente internamente e verossímil porque não apresenta – como é comum em muitos textos de literatura juvenil contemporâneos – uma visão de mundo pronta e acabada, em que a solução dos problemas é dada previamente, cabendo ao leitor apenas adotá-la e segui-la. O espaço de *Desculpe a nossa falha*, de certa forma e à sua maneira, é tão diversificado quanto nossa vida e nossa imaginação podem ser. A maneira que Ricardo Ramos encontrou para plasmar esses espaços confere autonomia à narrativa enquanto representação de uma realidade extratexto.

O narrador vai revelando o espaço ao leitor, aos poucos, segundo a conveniência e a necessidade estabelecidas pela trama. E esse narrador seleciona e combina os elementos espaciais dentro de cada capítulo e frase para dar o ângulo exato ao leitor, sem tornar, porém, o texto uma enumeração aleatória de ambientes. Em outras palavras, ele faz com que este espaço se torne parte das reações e se coloque, em determinados momentos, numa posição de igualdade em relação a essas personagens, corroborando para os detalhes, os pensamentos, as sensações das personagens. Porém, essa tentativa de “diálogo” do espaço torna-se “natural” em meio às descrições.

O narrador consegue, ainda, dar agilidade às suas descrições e tornar o texto agradável para a leitura, já que com isso evita as constantes interrupções para as demoradas sintetização de características. É

comum, por exemplo, o narrador iniciar um trecho comentando ou acrescentando informações, dando agilidade às cenas e, até mesmo, deixando transparecer a sua opinião sobre o ambiente descrito. É como se este estivesse bem próximo das personagens e, desse modo, pudesse observar o espaço com muito mais força.

*Bonita a nova decoração. Ainda que nas cores tradicionais, nos motivos de sempre. Entretanto, havia uma profusão de bolas, filandras e colagens prateadas, que davam ótimo efeito. E Cristina gostava de prateado.* (Ramos, 1987, p.67)

Neste parágrafo, o narrador elogia a decoração, repetindo uma certa tentativa – não muito explícita – de dialogar com o leitor, de acordo com os princípios de necessidade e economia.

O modo de narração do espaço procura, às vezes, trazer o leitor para dentro do que está sendo narrado, elemento essencial da configuração textual, pois é por meio dele, juntamente com a configuração das personagens, que em *Desculpe a nossa falha* o virtual leitor poderá ver concretizados os erros e acertos, os aspectos positivos e negativos e os ganhos e as perdas inerentes a qualquer ser humano. Essa mescla de características, ou seja, o enfoque de pequenos aspectos essenciais de cada momento do espaço, mediadas pelo narrador, confere a narrativa de Ramos um caráter de texto “completo”.

Ricardo Ramos consegue tornar sua novela uma história instigante, “facilitando” a descrição do espaço porque conduz a transformação do discurso sobre a realidade num discurso ficcional. Dito de outro modo, este discurso ficcional concretiza um determinado modo de representação da realidade bastante verossímil.

### **3. A visão de escola/educação/ensino de Ricardo Ramos em *Desculpe a nossa falha***

Ricardo Ramos esforça-se por ambientar suas histórias em locais facilmente reconhecíveis por um virtual leitor, como a escola e a cidade, tendência comum nos textos de literatura infantil e juvenil contemporâneos (Zilberman e Lajolo, 1986). Situando a história nesses ambientes, o autor revela, indiretamente, o público que quer atingir e parece buscar satisfazer seu destinatário com reflexões sobre um cotidiano que o aflige. Caracteriza-se, assim, o paradidatismo dos textos, no sentido de se propor sua utilização como elemento subsidiário ao trabalho didático-pedagógico com a leitura na escola – condição da literatura infantil e juvenil que parece inevitável desde seu surgimento como gênero –, mas sem reduzir as possibilidades de leitura e fruição a esse trabalho escolar. As referências ao mundo exterior só ganham vida dentro do texto de ficção porque estão coerentemente reordenadas e artisticamente elaboradas.

Uma vez que o discurso ficcional (re)cria uma realidade que lhe é exterior, gerando um mundo novo em que o labor artístico pode, até mesmo, fazer sentir melhor a realidade originária, a novela de Ricardo Ramos voltada para o público juvenil é um bom exemplo de texto literário que pode oferecer instrumentos para suscitar a capacidade crítica do leitor jovem, pois se configura como um vigoroso modo de percepção das relações humanas mais íntimas tomadas no seu conjunto, bem como um vigoroso meio de percepção das características do espaço urbano e da sociedade.

Além de mostrar, por meio do jogo de contrários que permeia toda a apresentação do espaço, que os problemas são inerentes a qualquer ser humano, o texto de Ramos se configura, dentro de suas especificidades e em conformidade com as diferentes leituras próprias da ficção, como um contundente apelo, a meu ver, para a modificação das relações em sala de aula, ou mais propriamente, como uma crítica ao ultrapassado sistema de ensino brasileiro, tanto da rede pública quanto da rede privada de ensino, que não acompanhou no mesmo ritmo o desenvolvimento dos costumes e a difusão de idéias pedagógicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Espera-se que com este trabalho de adensamento das discussões sobre um texto ficcional que, de início, por ser voltado aos jovens, deve ser observado com algumas especificidades, tenha sido possível, pelo menos, abrir a discussão sobre como Ricardo Ramos, a partir da manipulação de elementos não-literários, não se limita somente à transposição esquemática desses elementos; ao contrário, faz surgir desses espaços novos significados por meio da manipulação pessoal e artística da palavra. A funcionalidade dada aos ambientes e a sua inserção exata nos pontos-chave da narrativa, associam o negativo ao positivo de modo que se tenha articulado, num só momento, o embate de antagonismos característicos de qualquer ser humano.

Em *Desculpe a nossa falha*, ao entregar-se ao leitor, o espaço apresenta-se como elemento vivo, não se ajustando a este ou àquele padrão único de comportamento. A sua “utilidade”, o seu poder de “reforço” da trama, nesse sentido, não é a questão a ser refletida, mas a sua conversão, por meio do trabalho de elaboração encetado pelo escritor, em elemento funcional de abertura, alargamento, desenvolvimento, atenuação, suspense, detalhamento, desvio, dramaticidade e quantos outros caracterizadores forem necessários para apreender sua importância na narrativa e que dão a uma obra seu caráter universal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 4.ed. São Paulo: Martins, 1969. v.1. \_\_\_\_\_ . O discurso e a cidade. In: \_\_\_\_\_ . *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p.19-152.
- DIMAS, A. *Espaço e romance*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1988.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- PINTO, A. J. A. *Literatura descalça: a narrativa “para jovens” de Ricardo Ramos*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1999.
- RAMOS, R. M. *Desculpe a nossa falha*. São Paulo: Scipione, 1987. (Diálogo).
- \_\_\_\_\_. *Pelo amor de Adriana*. São Paulo: Scipione, 1989. (Diálogo).
- \_\_\_\_\_. *O rapto de Sabino*. São Paulo: Scipione, 1992. (Diálogo).
- \_\_\_\_\_. *Estação Primeira*. São Paulo: Scipione, 1996. (Diálogo).
- \_\_\_\_\_. *Entre a Seca e a Garoa*. São Paulo: Ática, 1997-8. (Rosa-dos-Ventos).
- ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenação Geral de Bibliotecas, Editora UNESP. *Normas para publicações da UNESP*. São Paulo: Editora UNESP, 1994. 4v.

## NOTA

- 1 Conforme Antonio Dimas em *Espaço e Romance* (2.ed. São Paulo: Ática, 1987)